

O “ABRASILEIRAMENTO” DE JERÔNIMO: O HIBRIDISMO CULTURAL NA OBRA *O CORTIÇO*

THE “BRAZILIANIZATION” OF JERÔNIMO: CULTURAL HYBRIDISM IN THE LITERARY WORK *O CORTIÇO (THE SLUM)*

Jéferson Luis Staudt¹
Magna Lima Magalhães
Ernani Mügge

Resumo: O artigo analisa o abasileiramento da personagem Jerônimo, na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Para tal, centra-se na relação que ele desenvolve com a brasileira Rita Baiana. Ambos são personagens que traduzem universos simbólicos distintos e, por essa razão, permitem refletir sobre o processo da construção da identidade brasileira. Inicialmente, investe-se em breves considerações sobre o surgimento dos cortiços no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro, com a finalidade de compreender a origem de seus habitantes e a constituição do ambiente em que vivem as personagens, marcado pela diversidade étnico-cultural. Após, efetiva-se a análise do processo de perda dos referenciais simbólicos de Jerônimo e seu conseqüente abasileiramento.

Palavras-chave: *O Cortiço*. Mestiçagem. Hibridismo. Cultura.

Abstract: This article analyzes the brazilianization of Jerônimo, character of the book *O cortiço* (The slum), by Aluísio Azevedo. To this end, the focus is on the relationship he develops with the Brazilian Rita Bahiana. Both characters translate distinct symbolic universes and, for this reason, allow us to reflect on the process of construction of Brazilian identity. Initially, we invest in brief considerations about the emergence of the slum tenements in Brazil, mainly in Rio de Janeiro, to understand their inhabitants' origin and the constitution of the environment in which the characters live, marked by ethnic-cultural diversity. Afterwards, an analysis of the process of loss of Jerônimo's symbolic referents and his consequent brazilianization is carried out.

Keywords: *O Cortiço* (The slum). Miscegenation. Hybridism. Culture.

INTRODUÇÃO

Publicado em 1890, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo², é considerada uma das obras mais representativas do naturalismo brasileiro. O enredo gira em torno de um

¹ **Prof. Dra. Magna Lima Magalhães.** Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos(Unisinos).Docente do Curso de História da Universidade Feevale(RS/Brasil) e do Programa em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. <http://lattes.cnpq.br/8030701386970471>
Prof. Dr. Ernani Mügge. Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africana (UFRGS), com pós-doutorado (PNPD-CAPES) na Universidade Feevale. Pesquisador e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais e do Mestrado Profissional em Letras (Universidade Feevale).CV - <http://lattes.cnpq.br/7629543459378453> - **Prof. Jéferson Luís Staudt.** Mestre e Doutorando em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (RS/Brasil). CV: <http://lattes.cnpq.br/7612878306608170>

² Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em 14 de abril de 1857, na cidade de São Luís, capital do Maranhão. Romancista, caricaturista, cronista, diplomata e jornalista brasileiro, Aluísio Azevedo é autor de expressivas obras literárias, cuja notoriedade lhe rendeu a ocupação de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, entidade fundada em 1897.

cortiço, habitação coletiva popular que proliferou por centros urbanos, como o Rio de Janeiro, a partir dos anos de 1850-1860, em decorrência de uma série de eventos, como, por exemplo, a alforria obtida pelos escravizados e a imigração portuguesa. A alforria, liberdade concedida mediante pagamento, foi uma das características da escravidão no Brasil. Conforme Chalhoub, “apesar de a obtenção da liberdade ter sido sempre algo difícil aos escravos, o fato é que a ocorrência relativamente significativa de alforrias proporcionou a existência de contingentes importantes de negros livres e libertos na população brasileira oitocentista” (2010, p. 34).

A cidade do Rio de Janeiro se destaca em relação ao número de alforriados em outros lugares: “o acesso à alforria era amplo: nada menos do que 36,1% dos escravos consignados na matrícula de 1872-3 haviam se libertado por ocasião do registro de 1886-7” (2010, p. 36). Não é objetivo discutir, aqui, as variadas formas de obtenção da alforria nem as condições impostas a boa parte dos alforriados após a obtenção da liberdade; pretende-se, tão somente, assinalar que não havia políticas de inserção para essas pessoas, o que fatalmente as lançava em sub-habitações, como os cortiços. Para Sidney Chalhoub, “a importância das habitações coletivas nas últimas décadas da escravidão começa a se evidenciar: para escravos, assim como para libertos e negros livres em geral, as alternativas viáveis de moradia na Corte, no período, eram cada vez mais os cortiços e as casas de cômodos” (1996, p. 28).

O mesmo destino dos alforriados tinha a maioria dos imigrantes portugueses que, desde a vinda da família real e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808 e 1810, respectivamente, se instalavam em território brasileiro. Carla Mary S. Oliveira observa que “a cidade [Rio de Janeiro] já possuía um perfil lusitano desde a instalação da Corte em 1808, quando até mesmo o falar local se alterou, ganhando os “sss” e seu chiado de acento luso, tal o número de portugueses que chegou, de chofre, ao porto carioca” (2009, p. 151). Esse contingente foi aumentando gradativamente até chegar ao auge no final do século XIX e início do século XX. Muitos desses imigrantes eram desfavorecidos economicamente (motivo aliás, que os impulsionou para cá) e acabavam buscando abrigo, também, em cortiços.

Portanto, quando se fala em moradores de um cortiço, está se falando de uma população que, em geral, estava cerceada de seus direitos: econômicos, sociais, culturais, políticos. Azevedo, em *O cortiço*, traduz de maneira singular a vida nas sub-habitações, tanto ao evidenciar a origem de muitas personagens, as quais compõem um verdadeiro mosaico étnico e cultural, quanto ao apresentar seu modo de pensar, de agir,

e seus ofícios profissionais. Ao fazê-lo, instala essa habitação coletiva no centro de sua narrativa: é nela que toda a trama se desenrola, o que a torna personagem principal do romance. Em relação a isso, Bosi (2013) assinala a estratégia do autor ao afirmar que, na obra, o autor desistiu

de montar um enredo em função de pessoas, [e] ateu-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras (2013, p. 201).

O protagonismo que Aluísio confere ao cortiço condiz com o enfoque que ele atribui ao meio para a construção das personagens, cujos comportamentos parecem determinados pelas forças do ambiente e, também, pelos arbítrios do determinismo biológico. “Assumindo uma perspectiva do alto, de narrador onisciente, ele fazia distinção entre a vida dos que já venceram, como João Romão, o senhor da pedreira e do cortiço, e a labuta dos humildes que se exaurem na faina da própria sobrevivência” (BOSI, 2013, p. 2002). Conforme o teórico, para os vencedores, o trabalho constitui-se em “pena sem remissão”, pois a “fome de ganho não se sacia e o frenesi do lucro [...] arrasta às mais sórdidas privações” (BOSI, 2013, p. 2002). Para os do outro estrato social, o trabalho é “o exercício de uma atividade cega, instintiva” (BOSI, 2013, p. 2002). Assim, tanto aqueles quanto estes estão em situação de despersonalização; a diferença reside na lei natural do mais forte, em que este acaba por engolir o mais fraco.

Essa característica da obra, de visibilizar o ser humano a partir das leis naturais, corresponde a um período de receptividade literária às teorias deterministas, evolucionistas e darwinistas, cuja adesão se deu na esteira do acolhimento acadêmico às correntes científicas (SCHWARCZ, 1993). Ademais, o livro pinta um quadro das vicissitudes do reordenamento urbano ocorrido no Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX:

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 1998, p. 26).

O fato de o Rio de Janeiro, ao largo do período colonial, ser o principal ponto de acesso, tanto de pessoas (imigrantes) quanto de mercadorias, fez com que a cidade se tornasse automaticamente um espaço privilegiado para a construção da nova dinâmica econômica, social, política e cultural. Isso a torna terreno fértil para a aparição de aventureiros e exploradores, os quais, graças à possibilidade de abusos econômicos dos mais variados tipos, enriquecem e abrem as portas para a ascensão social. No romance

em questão, o “empreendedor” João Romão exemplifica esse posicionamento. Como proprietário de um bazar, era ele “quem lhes oferecia tudo, tudo, até dinheiro adiantado, quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornaleiro [operário], cujo ordenado não fosse inteirinho para o velhaco” (AZEVEDO, 1998, p. 25).

Os cortiços cariocas, entretanto, em função de sua localização, – na área central da cidade – constituíam um conjunto de habitações populares que iam à contramão das aspirações modernizantes. Eram tidos como locais desordeiros, viciosos, promíscuos e insalubres, o que os levou ao centro das atenções das autoridades públicas, originando o movimento de sua erradicação, a fim de “purificar” a cidade³ (CHALHOUB, 1996).

Analisar *O Cortiço*, sob a perspectiva do cotejamento entre ficção e realidade, permite vislumbrar elementos importantes para a construção de um panorama mais amplo da sociedade brasileira progressista, pois a obra traduz diversos fenômenos sociais do seu tempo. Sem desconsiderar, todavia, a profundidade histórica da obra, tampouco sua profusão como fonte de análise, este texto propõe algumas reflexões sobre a relação que se desenvolve na trama entre o português Jerônimo e a brasileira Rita Baiana. A partir da releitura de trechos da obra, a pesquisa volta-se para a relação entre duas personagens que traduzem o encontro entre itinerários e universos simbólicos diferentes e que, por conta disso, nos permitem refletir acerca dos fenômenos da mestiçagem e do hibridismo cultural (GRUZINSKI, 2001).

Nessa ordem, as personagens são concebidas como expressão de um histórico processo de deslocamentos, o qual resultou em trocas permanentes entre negros trazidos da África e brancos vindos da Europa⁴. Portanto, Jerônimo e Rita Baiana não são vistos, necessariamente, a partir da coerência interna do romance, mas como parte da ligação entre a ficção e o seu contexto histórico. Como afirma Edward Said (2011, p. 48), “compreender essa ligação não significa reduzir ou diminuir o valor dos romances como obras de arte: pelo contrário, devido à sua concretude, devido a suas complexas filiações a seu quadro real, elas são mais interessantes e mais preciosas como obras de arte”. Ainda que autotélicas, elas veiculam o registro de uma dada realidade, colocando-se a serviço do desvelamento de um contexto histórico-social. Desse modo, é possível

³ De acordo com Sidney Chalhoub (1996), a destruição do cortiço conhecido como Cabeça de Porco dramatizou o processo de erradicação dos cortiços no Rio de Janeiro. Constituído por centenas de estalagens e por cerca de 4 mil moradores, o Cabeça de Porco foi demolido de forma violenta e abrupta, sem alguma medida de realocação dos indivíduos despejados.

⁴ Quanto aos deslocamentos, referimo-nos ao longo processo de tráfico negreiro e as sucessivas correntes imigratórias europeias, que se intensificaram nos anos finais do século XIX com a proximidade do fim da escravidão.

afirmar que “é do próprio descompromisso com o mundo de onde provém – e para onde novamente se projeta – que a literatura herda sua potência para iluminar seus leitores” (MÜGGE, 2016, p. 98), os quais constroem conhecimento sobre o mundo ao largo do processo de leitura.

JERÔNIMO E O PROCESSO DE ABRASILEIRAMENTO

Escrito em um período em que o Brasil passava por significativas mudanças sociais e políticas, *O Cortiço* retrata o cotidiano e as condições de vida do proletariado urbano de uma estalagem situada no bairro Botafogo (RJ), em fins do século XIX. Constituída por um aglomerado de casinhas em paupérrimas condições de moradia e salubridade, Aluísio Azevedo dramatiza a realidade de muitos cortiços cariocas assim como se mostra sensível às transições da sociedade brasileira, que se achava em um momento de substituição da mão de obra escrava pela livre-assalariada.

Na época em que Aluísio escreve e para a qual o romance se volta, o fomento à imigração europeia aparecia como uma solução auspiciosa para suprir as modificações que ocorriam nas relações de trabalho. “A ideia era encontrar substitutos para o trabalho escravo, agora mais caro, uma vez que após o fim do mercado negreiro a saída fora recorrer ao tráfico interno de cativos, que passaram a custar o dobro do preço” (SCHWARCZ, 2015, p. 275). Considerada uma mão de obra qualificada e afeita à racionalidade do novo sistema de produção, o imigrante se tornou sinônimo de modernidade e progresso. Já na metade do século XIX, como “corolário da Lei de Terras e da abolição do tráfico entrava em cena uma política de atração de imigrantes europeus” (SCHWARCZ, 2015, p. 275).

Se, no início, a política de imigração era financiada por particulares, especialmente fazendeiros, a partir do final dos anos 1860, o governo tomou para si essa tarefa, sob a lógica de que era necessário investir no “branqueamento” da população. Assim, a formação de um proletariado essencialmente estrangeiro vinha ao encontro do desenvolvimento econômico e da modernização dos grandes centros urbanos do país, que, no último quartel do século XIX, acolhiam um intenso fluxo de imigrantes (AZEVEDO, 1987).

Na dinâmica interna de *O Cortiço*, a chegada de estrangeiros à estalagem provoca permanentes alterações na paisagem cultural do espaço urbano que, reciprocamente, desloca o estrangeiro do seu universo simbólico. Local híbrido e de

contínuas trocas culturais, o cortiço acomoda uma grande massa de trabalhadores pobres e de diferentes origens étnicas que, em muitos casos, se estabeleciam em busca de trabalho remunerado. Seguindo essa lógica, chega à estalagem o imigrante português Jerônimo que, acompanhado da mulher e da filha, se instala no cortiço para trabalhar na pedreira de João Romão.

Trabalhador, disciplinado e produtivo, a personagem Jerônimo reúne todos os predicados que, na época, justificavam a preferência pela mão de obra europeia. Dotado dessas qualidades, o imigrante português não demora a ascender no ofício de pedreiro:

Jerônimo [...] era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. Em poucos meses se apoderava do seu novo ofício e, de quebrador de pedra, passou logo a fazer paralelepípedos; e depois foi-se ajeitando com o prumo e com a esquadria e meteu-se a fazer lajedos; e finalmente, à força de dedicação pelo serviço, tornou-se tão bom quanto os melhores trabalhadores da pedreira e a ter salário igual ao deles. Dentro de dois anos, distinguia-se tanto entre os companheiros, que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o ordenado a setenta mil réis (AZEVEDO, 1998, p. 46).

O percurso traçado por Jerônimo, embora oposto ao do português João Romão⁵, condiz com as ideologias que viam o estrangeiro como um potencial trabalhador, sobretudo, quando comparado às personagens brasileiras⁶. Porém, em meio aos diálogos intergrupais que se estabeleciam no cortiço, o português se distancia paulatinamente desse estereótipo ao se deixar seduzir pelos encantos de Rita Baiana, uma mulher jovem, sensual e atraente.

Jerônimo se encanta pela personagem ao admirá-la dançar em uma roda de chorado baiano, que subitamente interrompeu “o fadinho harmonioso e nostálgico do desterrado [português]”. Do estranhamento inicial causado pela música, Jerônimo repentinamente se vê “entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e voluptuosa que o enleava e tolhia [...]” ao ver a atraente mulata “[...] simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher” (AZEVEDO, 1998, p. 61-62).

⁵ O início do romance narra a trajetória do português João Romão, proprietário do cortiço, que enriquece à custa das economias e do trabalho da negra Bertoleza, escravizada com a qual “amiga-se” após falsificar a sua carta de alforria. Concluída sua ascensão social, João Romão denuncia a fuga de Bertoleza à polícia para poder casar-se com Zulmira, filha de Miranda, um comerciante português. A escalada social de João Romão, à custa de vigarices e da exploração das camadas populares, nos permite refletir acerca do modo como se constituíram as classes dominantes e as elites econômicas no Brasil.

⁶ Nota-se no romance que cada personagem é narrado como uma alegoria representativa do seu grupo: os personagens portugueses aparecem movidos pela disciplina, ambição e apreço ao trabalho, enquanto os mestiços brasileiros são caracterizados pela indisciplina, impulso, desinteresse e vadiagem.

Amancebada com Firmo, Rita Baiana é uma mestiça cuja vida se resume em permanentes libertinagens e folias. Sensual, bonita e cheirosa, o português se vê atraído pela brasileira em uma relação que denota somente o desejo de posse de Jerônimo pelo corpo da negra brasileira, cujo cheiro e sensualidade se avultam na relação com o corpo de Piedade, companheira do português⁷. A ênfase dada à erotização do corpo feminino negro era uma característica marcante da literatura da época, visto que as personagens negras frequentemente apareciam nos romances como um objeto de prazer retirado do seu núcleo de parentesco⁸ (EVARISTO, 2005).

A atração pelos atributos físicos de Rita acaba perturbando as fronteiras do imaginário português de Jerônimo. Entretanto, inicialmente, a cantiga “nostálgica do desterrado” parece indicar apenas a sua desterritorialização geográfica:

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor; música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo (AZEVEDO, 1998, p. 71).

Jerônimo se vê a tal ponto envolvido pelos acordes que se desinteressa por sua guitarra e

fica todo atento para aquela música estranha, que vinha dentro dele continuar uma revolução começada desde a primeira vez em que lhe bateu em cheio no rosto [...] e lhe transtornou o sangue o cheiro animal da primeira mulher, da primeira mestiça, que junto dele sacudiu as saias e os cabelos (AZEVEDO, 1998, p. 72).

A melodia, se considerada manifestação de pertença, desloca simbolicamente Jerônimo do seu lugar de origem, processo que é completado por meio de seu envolvimento emocional com a brasileira. Ao vê-la dançar, “via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados”, revela o narrador. Rita era um grande mistério e sintetizava “as impressões que ele recebeu chegando aqui” (AZEVEDO, 1998, p. 73).

⁷ Jerônimo passou a sentir repulso pelo cheiro e pelo corpo de Piedade que, comparada à Rita Baiana, para ele já não passava de “um só bloco, compacta, inteiriça e tapada” (AZEVEDO, 1998, p. 75).

⁸ Em reação a essas imagens simplistas, Conceição Evaristo (2005, p. 54) argumenta que as intelectuais negras há algum tempo estão produzindo outros discursos literários com o intuito de desconstruir estereótipos e “inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação”.

Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante (1998, p. 73).

Evidentemente, o contato ficcional entre culturas se diferencia do contexto objetivo, uma vez que a hibridização cultural é indissociável das reais interações intergrupais, apesar da imprevisibilidade e da dificuldade de mensurar com profundidade esse processo (GRUZINSKI, 2001).

Em todo caso, a perda dos referenciais simbólicos é sintomática da condição de imigrante, pois, o contato com o “outro”, que se manifesta por meio de crenças, costumes, ritmos e sonoridades diferentes, gera identificações nas fronteiras (CARDOSO, 2008). Como nenhum dos envolvidos é irreduzível em si mesmo, todos estão sujeitos a construir tipos peculiares de “simpatia” e “afetos” nas relações interculturais, resultando, como efeito, em sujeitos híbridos que são ao mesmo tempo semelhantes e diversos (BHABHA, 2011).

O mesmo dinamismo, todavia, não acontece no encontro entre Jerônimo e Rita Baiana, já que o romance focaliza somente a aculturação do português aos usos e costumes brasileiros⁹ bem como a influência degradante de Rita sobre Jerônimo, que aparece como uma das causas da decadência moral, física e familiar do português. O desenraizamento simbólico de Jerônimo culmina no abasileiramento do português, como podemos ler na obra:

A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se de seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e [...] volvia-se preguiçoso, resignando-se vencido às imposições do sol e do calor [...]. E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abasileirou-se (AZEVEDO, 1998, p. 74-75).

O abasileiramento de Jerônimo, visivelmente aviltante, omite as influências culturais do português sobre a brasileira para ressaltar noções de degenerescência racial e determinismo do meio. Assim, a fragilização moral e física de Jerônimo seria efeito do convívio com as raças ditas inferiores e, sobretudo, dos efeitos arbitrários do meio sobre as personagens que, domiciliados em um espaço insalubre, promíscuo e ocioso, tendiam ao domínio das forças do ambiente.

Nos anos finais do século XIX, meio e raça haviam se tornado categorias representativas da realidade brasileira, usadas para balizar as explicações acerca do

⁹ Além da música, a aguardente de cana, a farinha de mandioca e o feijão-preto são alguns dos elementos da culinária brasileira que ganharam o gosto do português.

atraso social e da incivilidade da Nação. A adesão dos intelectuais brasileiros às premissas deterministas resultou em uma perspectiva pessimista quanto à civilização, à modernização e o progresso econômico do Brasil (ORTIZ, 1994).

Apesar da tentativa de realçar as consequências degradantes do abasileiramento, as trocas culturais não operavam na lógica da aculturação ou da deculturação. Pela força das circunstâncias, tanto brasileiros quanto portugueses tiveram que “recuar” do seu meio simbólico no contato um com o outro, mesmo o nativo territorializado. Os estrangeiros, especialmente, quando chegaram ao Brasil, viram-se diante da necessidade de interpretar e se adaptar ao novo universo cultural por uma questão de sobrevivência (GRUZINSKI, 2001).

Além disso, os portugueses, ao entrarem no país, já encontraram uma paisagem cultural ricamente diversa pelo influxo africano e europeu, mas, sobretudo, pela presença das diversas etnias indígenas que povoavam variadas regiões do território nacional e que constituem a base étnica originária da nação brasileira. Para se ter uma ideia, o ambiente “encontrado” era previamente heterogêneo e, nesse sentido, a discussão não “se resume a uma questão de simples defasagem e nem à colisão de dois sistemas estáveis, em que um tivesse de repente sido perturbado pelo surgimento do outro” (GRUZINSKI, 2001, p. 76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise, a obra *O Cortiço* foi concebida como produto cultural de um literato – Aluísio Azevedo – que escreve sob as influências das idiossincrasias do seu tempo. Assim, ao averiguar os efeitos do encontro entre o português Jerônimo e a brasileira Rita Baiana, que traduzem o contato entre mundos simbólicos distintos, foi possível perceber que ela não sofreu rupturas em meio às trocas com o outro cultural. Jerônimo, ao contrário, apresentado inicialmente como um trabalhador disciplinado, distancia-se progressivamente desse perfil. O contato com o meio que o acolheu, marcado pela presença de Rita Baiana e permeado por acordes de música crioula, que o envolvem, afastam-no do fado nostálgico e o lançam em um novo lugar, degradado. Esse deslocamento tem seu preço: a fragilização moral e física da personagem.

A opção do escritor em caracterizar o processo de aculturação de Jerônimo sob essa perspectiva, embora se trate de um processo mútuo e permeado por redes divergentes de poder, mostra sua tendência em nutrir a crença pessimista que via como

improvável a civilidade e o progresso do Brasil devido ao determinismo do meio e a degenerescência da mestiçagem racial.

Nesse sentido, a leitura da obra ratifica as sensíveis relações existentes entre a ficção e a realidade, pois o romance traça um panorama da paisagem urbana do Rio de Janeiro, em fins do século XIX, bem como pinta um quadro da diversidade étnico-cultural representativa da formação do povo brasileiro, pondo à mostra o caráter mestiço da Nação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Biblioteca Zero Hora: Klick Editora, 1998.

AZEVEDO, Celia Maria. **Onda negra, medo branco**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas. In: COUTINHO, E. F. (Org). **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p.80-94.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CARDOSO, João Batista. Hibridismo Cultural na América Latina. **Itinerários – Revista de Literatura**, nº 27. p. 79-90, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). **História social**, n. 19, 2010, p. 33-62.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

MÜGGE, Ernani. K. – relato de uma busca: a ficção a serviço da revisão da história nacional. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. nesp, p. 95-104, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, Carla Mary. O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico. **Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro**, n. 3, 2009, p.149-168.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.